

AMB: ‘desconseguir’ escutar o que nos ofereces, ainda!José Carlos de Paiva 

(Universidade do Porto — UP, Porto, Portugal)

RESUMO — AMB: ‘desconseguir’ escutar o que nos ofereces, ainda! — O esforço de ESCUTAR o que Ana Mae Barbosa nos apresenta, digerindo suas ofertas, irreverentes e qualificadas por uma investigação incansável e alargada, integrou a sua oferecida amizade e sabedoria em mim, numa procura pessoal e incessante para dar eficácia política, antidiscriminatória e anticapitalista às minhas ações, artísticas e de investigação em educação artística, interculturalidade e decolonialidade. Esforço partilhado com os coletivos e as comunidades com quem me é permitido relacionar, que vou ‘desconseguindo’ realizar, ainda!

PALAVRAS-CHAVE

Escutar. Ana Mae Barbosa. Desconseguir.

ABSTRACT — AMB: ‘unsucceed’ to listen to what you offer us, yet! — The effort of LISTENING to what Ana Mae Barbosa presents us, digesting her offers, irreverent and qualified by tireless and extended research, integrated her offered friendship and wisdom in me, in a personal and incessant search to give political, anti-discriminatory, and anti-capitalist efficacy to my artistic and research actions in arts education, interculturality, and decoloniality. An effort shared with the collectives and communities with whom I am allowed to relate, which I am still ‘unsucceed’ to accomplish!

KEYWORDS

Listen. Ana Mae Barbosa. Unsuccessful.

RESUMEN — AMB: ‘incapaz’ de escuchar lo que nos ofreces, ¡todavía! — El empeño por ESCUCHAR lo que nos presenta Ana Mae Barbosa, digiriendo sus ofertas, irreverentes y matizadas por una incansable y extensa investigación, integró en mí la amistad y la sabiduría que me brinda, en una búsqueda personal e incesante de dar eficacia política, antidiscriminatoria y anticapitalista a mis acciones, artísticas e investigativas en educación artística, interculturalidad y decolonialidad. ¡Esfuerzo compartido con los colectivos y comunidades con los que me permiten relacionarme, que todavía soy ‘incapaz’ de lograr!

PALABRAS-CLAVE

Escuchar. Ana Mae Barbosa. Incapaz.

[...] não é apenas a arquitectura do mundo que deve ser remodelada, mas o tecido do próprio vivo e as suas diversas membranas. (MBEMBE, 2021, p. 15)

Escrevo num primeiro tempo de repouso depois de um voo longo de Maputo, regresso de uma curta estada que envolveu uma densa colaboração com o que se projeta ser um coletivo interinstitucional de investigadores em Moçambique, na área da Arte e da Educação Artística. Suspensão de um presente pessoal vivenciado num Norte que ignora e ostraciza a riqueza que o Sul ainda emana, sem saber beber a sua milenar sabedoria.

O esforço que me esgota, de deslocação para fora do meu lugar de conforto, na tentativa de desnudar o meu corpo, de anular o que no percurso de minha vida a hegemonia branca, masculina e colonial incorporou e me tatuou, vai-me apresentando possibilidades críticas e radicais de aprendizagens da liberdade, do exercício da minha própria liberdade, num exercício freiriano de desobedecer ao que me oprime e me coloniza, de me libertar das amarras da racionalidade e do moralismo que o Iluminismo tornou soberanas, deslegitimando a emoção e o que o corpo incorpora e emana.

Na escuta de conversas banais com moçambicanos estou aprendendo o sentido do ‘*desconseguir*’, tornado em mim conceito guia de uma entrega permanente e persistente a uma postura artística e educativa contra todas as formas e dispositivos de discriminação, através de uma prática anticolonial e anticapitalista, valorizando o incompreensível e o inimaginável. Desconseguir é usado frequentemente quando, há uma intenção particular sobre a ação. No entanto, não por negligência, mas por uma suspensão política do conseguir *exitoso*, esta não se conclui, nem encerra. O rumo que a ganância do capitalismo global segue, dissimula o seu fracasso e o colapso da Terra, apresentando o que expande como inevitável e equilibrado, através de uma capacidade mirabolante de esconder a existência dos efeitos discriminatórios e intoleráveis provocados, anulando a presença de uma dimensão desmesurada de contingentes de pessoas

tratadas como uma espécie de não-humanos, tornados sem-nome e sem-terra, sem-pão e sem-paz.

O fracasso globalizado, escondido com ardil pelos dispositivos sedutores de alienação, ofuscam a oferta de conforto e segurança, oferecendo apenas a inevitabilidade das políticas geo-estratégicas imperialistas, dilapidadoras e arrogantes.

Camaradas, o jogo europeu está definitivamente acabado, é preciso encontrar outra coisa. Hoje, podemos fazer tudo desde que não arremedemos a Europa, desde que não nos obcequemos com o desejo de apanhar a Europa. (FANON, 2015, p. 324)

É neste mundo, construído por uma hegemonia Ocidental, que se vai globalizando, que vou construindo modos de superar a angústia dos insucessos e incompletude das minhas práticas, de minhas lutas, das cumplicidades que vou estabelecendo com quem se situa contra as discriminações e o capitalismo-global. Como artista e investigador procuro hoje não me vangloriar do realizado e das práticas em que me envolvo, que pretendo sejam irradiantes de desobediência epistemológica e de radicalidade crítica, mas entender a sua fragilidade, insuficiência e incompletude, o *'desconseguir'* do perseguido. Na dimensão usada nas ruas de Maputo, esse *'desconseguir'*, nada tem de desistência, mas de uma consciência do que ainda é preciso fazer, da teimosia.

A entrada neste texto anotando o fracasso das hegemonias globais e a insuficiência das práticas a elas desobedientes, como de uma arte insurgente e insubmissa e de uma educação artística protagonista de novas possibilidades de devir, não esbate o seu potencial resistente e transformador, criador de esperança e de radicalidade, mas, necessariamente, reforça a urgência de se entender as suas fragilidades perante o efeito neutralizador que nos cerca e quanto somos permissíveis ao jogo da sedução e da assimilação do que a hegemonia global nos oferece. Este entendimento, deveria marcar a dimensão que a escuta tem de assumir, perante o que ainda resiste, que acorda e faz reaparecer do que foi destruído e ocultado pelo colonialismo e pelo império da racionalidade, do que emerge em novas formas de intervir e de ser. Escuta plena, que permita entranhar

a divergência e a diversidade, que confronte de modo agonístico o que pode ser entranhado nos corpos, nos espíritos e nas almas (lembrando Pessoa), perturbando o que o colonialismo lhes conferiu de sossego.

Toda a experiência de um outro pensamento é uma experiência sobre o nosso próprio. (CASTRO, 2018, p. 96)

Então, reforço, escutar, auscultar o que está fora de cada um, o comum que luta por um devir comum antidiscriminatório e anticolonial. Assim me vou fazendo, devedor antropofágico de quem me integra: comunidades, nomes, livros, amizades, brisa do mar e do sertão, sabores e aromas, quem cozinhou ou comeu junto, num sem fim; uns de modo mais forte outros de modo indelével, sem dar conta; de terras africanas, nos brasis, na latina-américa, principalmente.

Arte na Educação se contrapõe às supostas verdades da Educação e às mais suspeitas ainda, certezas da Escola. (BARBOSA, 2004, p.49)

Ana Mae Barbosa, permitiu-me beneficiar da sua presença e companhia em momentos fundamentais do *Colectivo de Acção/Investigação* que me inclui, em Cabo Verde, no meu Porto, em Sevilha, no seu Recife, em Manaus e em São Paulo. AMB, nem seria preciso dizê-lo perante o reconhecimento internacional, oferece-nos a sua bonomia e amizade, a sabedoria construída numa vida de invejável estudo e incansável produção epistemológica. Sua abnegação propagou na dimensão do Brasil, das capitais às escolas isoladas, a presença da arte nas escolas, num movimento de reflexão permanente, crítica e autocrítica, atenta ao que a própria realidade foi configurando. O meu apreço pela sua obra, reconhece a imprescindibilidade de se escutar, no panorama internacional, a sua profunda investigação e a ação educadora desencadeada, tecida na cumplicidade com Paulo Freire no sentido de se tornar uma ação transformadora, promovendo a valorização da arte para todos, entendendo o artístico como pertença de todos e a arte como campo educacional. A escuta que fui fazendo, pela proximidade consentida por Ana Mae, regista e sublinha a radicalidade do seu entendimento da arte, que valorizando a arte contemporânea lhe confere a crítica face ao seu aprisionamento pelo hegemónico e valoriza, em contraposição, os exemplos da

irreverência da arte e sua intensidade questionadora, que promove a persistência das manifestações artísticas embrenhadas na vida de comunidades discriminadas, a evidência do artístico no popular, as artistas desvalorizadas pelos filtros masculinos, numa inscrição num posicionamento político assumido como anticolonial e anticapitalista.

A valorização do contexto, essencial na abordagem triangular que Ana Mae apresenta, retira do estudo da arte e sua congelação no objeto estetizado e o torna inseparável do corpo e da excitação que o comporta, inscreve-o na comunidade e no comum, afastando-o da sua fruição elitista que os conceitos burgueses preferem.

[...] a arte negra oferece outros modos de representar o espaço, de carácter simbólico e óptico. Mostra um equivalente mental da imagem, mais do que a própria imagem. (MBEMBE, 2021, p. 222)

Ana Mae é homenageada nos grandes fóruns internacionais, numa justiça que seu *curriculum* naturaliza, onde se enaltecem os resultados de sua ação transformadora, sua investigação, sua presença incansável em conferências científicas (nacionais e internacionais), suas amizades, suas orientações doutorais e de mestrado, seus projetos de investigação, seus escritos, seus sem-fim. Incansável.

Incansável, alimentando a necessidade de não se aquietar no realizado, mas manter sempre a exigência de ter de reformular o seu pensamento, suas falas e seus escritos, num movimento contínuo, num '*desconseguir*', diria eu, num *ainda...*

Escutar Ana Mae, é um aprendizado, radical, se conseguirmos enfraquecer o que nos constrói (que, em grande parte, foi construído em nós no contexto sociocultural em que nos movemos) e não exaltarmos o que sabemos e o que somos como filtro e ruído ensurdecador perante o que nos é oferecido. O exercício urgente e imperioso que a decolonialidade nos apresenta nos permite olhar o espelho sem recursos narcisistas, mas com a intensidade de quem se quer descolonizar a si próprio.

Escutar AMB nos faz reconhecer que a educação artística não será nunca um conjunto positivo e normativo, mas um constante desafio crítico e desobediente,

numa procura incessante de procura de abordagens alternativas no terreno da educação e, também, da investigação. Entenda-se a necessidade de nos tornarmos contrabandistas, frequentadores de epistemologias de fronteira, questionadores implicados na mudança, tornada urgente pela barbárie que nos confina.

Escutar AMB nos apresenta as epistemologias de mestiçagem, presença de tensões agonísticas entre saberes e artes, entre o erudito e a sabedoria, entre o puro e o profano.

Ana Mae Barbosa, ‘desconsequi’ escutar tudo o que nos ofereces, ainda.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Porque e como: arte na educação. In: *Anais do 13º Encontro Nacional da ANPAP*. Maria Beatriz de Medeiros. (Org.). Brasília: ANPAP, Editora do PPGA/UnB, 2004. ISBN 85-89698-06-8 (v.2). p. 48-52.

BARBOSA, Ana Mae. *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Tradução de António Massano. Lisboa: Livraria Terra Livre, 2015.

MBEMBE, Achille. *Brutalismo*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores Refratários, 2021.

José Carlos de Paiva

Doutor em Pintura, Mestre em Arte Multimédia, Graduado em Artes Plásticas, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). Investigador do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade i2ADS. Professor Emérito da Universidade do Porto. Professor Jubilado da Faculdade de Belas Artes do Porto (FBAUP). Percurso múltiplo por vários caminhos, aparentemente dispersos, mas relacionados numa atitude transversal de intervenção crítica no tecido social e atenções globalizantes. Trajecto autoral como artista plástico, mostrado em exposições individuais de artes plásticas e em exposições colectivas, por todo o país e no estrangeiro. Fundador (1988) e director da GESTO Cooperativa Cultural. Forte envolvimento em acções interculturais, de índole artístico e cultural com comunidades em Moçambique, Brasil, Cabo Verde e Portugal, organizadas pelo “movimento intercultural Identidades”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2084-9437>

E-mail: jpaiva@fba.up.pt

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5032435058514515>

Recebido em 16 de maio de 2022
Aceito em 20 de junho de 2022

